

**ANÁLISE DO CONTO “AS MÃOS DOS PRETOS”,
DE BERNARDO HONWANA, EM PERSPECTIVA
DESCOLONIZADORA**

**ANALYSIS OF THE SHORT STORY “AS MÃOS
DOS PRETOS”, BY BERNARDO HONWANA, IN A
DECOLONIZATION PERSPECTIVE**

**ANÁLISIS DEL CUENTO “AS MÃOS DOS PRETOS”,
DE BERNARDO HONWANA, EN PERSPECTIVA
DESCOLONIZADORA**

Paulo Sérgio de Proença¹

RESUMO: Analisar o conto “As mãos dos pretos”, de Bernardo Honwana, em comparação com variantes e em perspectiva descolonizadora, é o objetivo deste trabalho. Observações sugeridas pelo conto serão enfatizadas: a curiosidade infanto-juvenil; o papel do riso e da piada e sua importância para a matéria narrada; o sofrimento dos pretos, vítimas de violência física e simbólica. A transmissão oral e escrita do conteúdo do conto, em amplitude geográfica e cronológica, testemunha o preconceito contra os negros.

ABSTRACT: The goal of this work is to analyze the short story “As mãos dos pretos” by Bernardo Honwana and to compare it in decolonization’s perspective variants. The observations suggested by the short story will be emphasized: the children’s and youth’s curiosity; the rule of laugh and joke and their importance to the narrated material; the suffering of black people, victims of physical and symbolic violence. The oral and written transmission of the short story content, in geographical and chronological dimension, testify prejudice against blacks.

1 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Instituto de Humanidades e Letras. E-mail: pproenca@unilab.edu.br

RESUMEN: Analizar el cuento “As mãos dos pretos”, de Bernardo Honwana, en comparación con variantes y en perspectiva descolonizadora, es el objetivo de este trabajo. Se destacan observaciones sugeridas por el cuento: la curiosidad infanto juvenil; el papel de la risa y del chiste y su importancia para la materia narrada; el sufrimiento de los negros, víctimas de violencia física y simbólica. La transmisión oral y escrita del contenido del cuento, en amplitud geográfica y cronológica, es testigo del prejuicio en contra los negros.

PALAVRAS-CHAVE: Bernardo Howana; preconceito; violência; descolonização.

KEYWORDS: native brazilian literature; children and juvenile literature; pluralism; multicultural literacy.

PALABRAS CLAVE: Bernardo Howana; prejudice; violence; decolonization.

Nota introdutória

“As mãos dos pretos” compõe a obra *Nós matamos o cão-tinhoso*, do autor moçambicano Bernardo Honwana. Essa obra, escrita nos anos 1960, ocupa singular importância na produção literária de resistência à colonização. Antes mesmo da conquista da independência política, os escritos de Honwana, embora parcos, configuram-se em estratégica trincheira quanto ao enquadramento crítico da violência do processo de colonização. Refletem também sobre os desafios da descolonização e, em consequência, da afirmação de elementos que ajudem a construir a identidade africana – ou identidades, como parece ser melhor.

O narrador do conto é um menino anônimo que procura respostas para um enigma: por que os pretos têm as palmas das mãos brancas? Muitas respostas são apresentadas, de forma breve, por diversos interlocutores, até que a mãe apresenta a sua explicação, quando o conto atinge o clímax.

O objetivo deste trabalho é analisar o conto moçambicano e, a partir da perspectiva descolonizadora sugerida, compará-lo a versões variantes; serão anotados ele-

mentos que dizem respeito ao preconceito contra os negros e sua configuração nos textos analisados. Comparam-se variantes registradas por Câmara Cascudo e outra publicada pela *Gazeta de Piracicaba*, em 1895. Também se considera o papel da curiosidade infanto-juvenil, do riso e da associação da pele negra a castigo, dor e sofrimento, no conto africano e nas suas versões alternativas.

A curiosidade infanto-juvenil

O narrador é, tudo indica, adolescente que está à procura de respostas para uma pergunta que o angustia. É compreensível que crianças e adolescentes sejam curiosos; lamenta-se o fato de que essa curiosidade é domesticada e mitigada pela vida social em geral e pela vida da escola, em particular.

As crianças têm uma fase interessante em seu processo de desenvolvimento, a dos *por quês*; em desdobramentos de maior amplitude, podemos assumir que essa pergunta foi e é, ainda, a grande mola propulsora das inovações do conhecimento humano. Os adolescentes, em fase de ajuste e transição, na tentativa de compreensão do mundo são, também, dotados dessa necessidade de descobertas e de explicações.

A curiosidade, sob o ponto de vista semiótico, é uma paixão; as paixões são “efeitos de sentido [...] que modificam o sujeito” (BARROS, 2002, p. 61). A curiosidade é uma paixão, paixão pelo saber; querer-saber é a motivação, a paixão que faz o sujeito procurar conjunção com o saber desejado. O que é desconhecido, aquilo para o que não temos explicação satisfatória é fonte de tensão e desequilíbrio. É a curiosidade indicadora de nossas carências cognitivas que se vinculam a outros tipos de carência, como afetivas e existenciais. (o que parece ser o caso do conto em discussão) A curiosidade é a força que nos move ao conhecimento necessário para entendermos o mundo e nele nos situarmos de forma adequada, enquanto seres humanos.

A curiosidade, se procura explicação para o que é, para o que existe, deveria também nos motivar a descobrir o que ainda não existe: em outras palavras, a curiosidade por saber o que ainda não é, mas que pode vir a ser, é o que constrói mundos ainda não existentes. Curiosidade deveria ser sinônimo de

transformação.

Personagem	Respostas e explicações
O senhor Professor (saber, ciência)	Os avós deles [dos pretos] andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o corpo
O Senhor Padre: religião	Eles [os pretos], às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.
A Dona Dores (escravidão)	Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.
O Senhor Antunes da Coca-Cola (império econômico)	Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados para cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!...” ² .

2 Essa imagem da fabricação é desqualificadora para os negros, sobretudo pela menção a instrumentos de segunda mão; além disso, eles não são criados, de acordo com a tradição bíblica, mas fabricados, coisificados. Por outro lado, essa ideia pode se ajustar de forma interessante ao que diz a mãe do narrador, no final do conto; a vida humana, sobretudo em sua dimensão social, é fabricada por mãos humanas. Sobre a fabricação da realidade, Blikstein dá explicações teóricas convincentes e em correspondência com o que Honwana faz em termos literários. A realidade é construída. As estruturas objetivas da realidade não passam de “estruturas impostas à realidade pela interpretação humana” (BLIKSTEIN, 1983, p. 46). Com isso, o referente não é um dado objetivo, mas transformado pelo processo prévio e inevitável de semiotização do mundo.

O Senhor Frias	Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.
Um livro (saber autorizado)	Os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei onde.
Dona Estefânia	Para ela é só pelo fato de as mãos desbotarem à força de tão lavadas.
Minha mãe	Deus fez os pretos porque os tinha de haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de o haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens. Deve ter sido a pensar assim que ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos.

Quem fala, no conto? Quem são os representados nas falas? Um professor, um padre, Dona Dolores, Senhor Antunes Senhor Frias³, um livro, Dona

3 Há motivação onomástica na nomeação de dois personagens, pelo menos: Dona Dolores e Senhor Frias; os nomes respectivos se associam às explicações que seus personagens dão: a primeira está relacionada à escravidão; o segundo, a baixas temperaturas.

Estefânia; por fim, a mãe. Esses locutores representam o saber e a ciência (professor, um livro), a religião (padre), o poder econômico (Coca-Cola); todas essas falas, digamos, são externas aos africanos, com exceção da mãe. Parecem ser os personagens todos estrangeiros, a julgar pelos nomes que têm; não há dúvidas quanto a motivações e efeitos dos discursos que produzem.

Efeitos intencionais agrupam todas as respostas; trata-se de tentativa de explicação da realidade como ela se dá, associada ao sofrimento dos negros; essas tentativas não somente explicam, mas tentam justificar as diferenças de cor de pele, das quais derivam os desníveis sociais, econômicos, espirituais, etc.

Pele negra: castigo, dor e sofrimento

As respostas (exceto a da mãe), dadas por diferentes pessoas, em diferentes circunstâncias, são convergentes quanto aos efeitos que produzem (e quanto a suas motivações preconceituosas); os efeitos, listados na tabela acima, dizem respeito à desqualificação generalizada dirigida aos pretos, que receberam essa cor para sua pele, principalmente, para efeito de punição divina, o que gera dor e sofrimentos diversos; pela explicação do livro, os pretos são bichos do mato, animais; conclui-se, a partir do que diz Dona Dores, que os pretos são impuros (no que há certa dimensão religiosa, também) e, por conseguinte, a pureza está do lado branco (isso é construção cultural); na explicação do Senhor Antunes (vinculada a interesses econômicos), há, por assim dizer, um processo industrial de fabricação dos pretos, em condições desfavoráveis, pois os moldes eram *usados e não havia lugar ao pé do brasido*, além da exposição ao fogo sem que houvesse apoio ou outro recurso para alívio, o que causava evidente sofrimento; a explicação do Senhor Frias também se vincula a sofrimen-

to: os pretos, feitos de madrugada⁴, sofreram com a baixa temperatura da água do rio em que deviam mergulhar; um livro vincula a cor negra da pele à escravidão, ao cultivo de algodão, daí que os pretos vivem encurvados (física e socialmente); a explicação de Dona Estefânia se aproxima de Dona Dolores, pela evocação à pureza/impureza. Castigo, dor e sofrimento: o preto é errado, é castigado; o preto está fora da ordem: é inferiorizado, bestializado, descaracterizado como humano; os meios para possível reparo não estavam disponíveis, negados inexplicavelmente pela natureza. Assim, essas explicações todas são aparentadas, tendem à acomodação e ao reforço da desqualificação dos negros, o que contribui para o reforço à submissão social e econômica deles.

A explicação da mãe, apesar de ter alguns elementos em comum com as anteriores, é diferente. As semelhanças se devem à dimensão mítico-religiosa, pela menção a Deus e à fatalidade (impossibilidade de mudança da cor da pele); contudo, tais elementos não escondem as diferenças: em primeiro lugar, os pretos não são desqualificados; em segundo, não há ênfase a diferenças, mas a semelhanças; por fim, há reconhecimento do processo histórico consciente e convincente de desqualificação dos pretos, o que é obra de homens.

4 A madrugada também é negra e nisso há combinação; por outro lado, na madrugada não se trabalha e, pelo fato de os pretos terem sido feitos nesse período, são de segunda mão, mais ainda pelo fato de os apetrechos utilizados no processo serem usados.

A mãe opera uma sutileza metonímica: as mãos representam todo o corpo. Assim, como a mão opera o que fazemos, o arranjo social, a ordem criada é resultado das obras humanas. Essa avaliação é de fundamental importância porque invalida o argumento segundo o qual a escravidão é resultado da inferioridade do negro e o negro é inferior porque Deus assim quis. Além disso, como as mãos dos pretos são iguais às dos brancos, conforme enfatiza a sabedoria da mulher africana, a ordem humana deveria corresponder a essa igualdade, mas, infelizmente, não é o que ocorre, porque os brancos são “homens que dão graças a Deus por não serem pretos”.

Bosi fala das possibilidades que está ao alcance das mãos:

Parece ser próprio do animal simbólico valer-se de uma só parte do seu organismo para exercer funções diversíssimas. A mão sirva de exemplo.

A mão arranca da terra a raiz e a serve, colhe da árvore o fruto, descasca-o, leva-o à boca [...] A mão puxa e empurra, junta e espalha, arrocha e afrouxa, contrai e distende, enrola e desenrola; roça, toca, apalpa, acaricia, belisca, unha, aperta, esbofeteia, esmurra; depois massageia o músculo dorido [...] com o nó dos dedos, bate [...] ensaboa a roupa, esfrega, torce, enxágua, estende-a ao sol, recolhe-a dos varais, desfaz-lhe as pregas, dobra-a, guarda-a [...] A mão prepara o alimento [...] A mão, portadora do sagrado. As mãos postas oram, palma contra palma ou entrançados os dedos. Com a mão o fiel se persigna. A mão, doadora do sagrado (BOSI, 1993, p. 53-55).

As mãos sintetizam, assim, as potencialidades humanas, para o bem ou para o mal e muito bem indicam que o ser humano, por meio delas, se relaciona com a natureza e com outros seres humanos, organizando a ordem social e histórica em que vivem.

Podem ser enquadradas, no conto, duas categorias de explicação: 1) exógenas: o preto impuro, animalizado, é inferior, por isso foi escravizado; 2) endógena: pela explicação da mãe, o preto é igual ao branco e as injustiças que sofreu são produzidas pela vontade humana. A isso voltaremos adiante.

Piada, riso e violência⁵

No começo do conto, o narrador confessa: “Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser por que é que eles têm as palmas das mãos assim mais claras”. Logo depois do que o Senhor Antunes diz, o narrador completa: “os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos”.

Essas duas sequências associam piada a riso, elementos que fazem parte de fenômeno frequente nas interações linguísticas, em contextos sociais específicos. A enunciação de piadas cria uma espécie de moldura pragmática que tem a finalidade de empenhar a cumplicidade do ouvinte, condicionando reações com o propósito de desarmá-lo (principalmente no caso de uma piada preconceituosa ou agressiva). Podem elas ter função lúdica, mas também se prestam a veicular mecanismos de violência. Freud estuda o fenômeno na obra *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, e dá nome de *chiste* a mecanismos linguísticos que provocam riso, prazer associado a descargas psíquicas, com gratificação de prazer⁶.

Um dos tipos de chiste que nos interessa aqui é o *tendencioso*, cujos efeitos de prazer são significativos. O elemento que produz prazer nesse tipo de chiste é aquele a cuja satisfação se opõe algum obstáculo externo, contornado pelo recurso chistoso. O deleite provocado transpõe bloqueios, segundo Freud. Com isso, pode-se verbalizar, em situações socialmente programadas e aceitas, aquilo que em circunstâncias normais não seria possível afirmar. O contexto social em que piadas são contadas desarma reações contrárias e torna cúmplices os interlocutores, sobretudo porque tendemos a não achar erro, ou não o considerar no que nos diverte. Os chistes, por isso, antepõem-se ao poder restritivo do julgamento crítico, sendo que os

5 Este trecho tem apoio em Proença (2014).

6 FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago [edição eletrônica, s/d.].

chistes tendenciosos exibem a principal característica de sua elaboração — a de liberar prazer pela superação de inibições:

Admitamos que existe o impulso de insultar certa pessoa [...] o insulto não pode se consumir [...] Suponhamos, agora, entretanto, que se apresenta a possibilidade pela derivação de um bom chiste a partir do material verbal e conceptual usado para o insulto — ou seja, a possibilidade de liberar prazer de outras fontes não obstruídas pela mesma supressão [...] em tais circunstâncias o propósito suprimido pode, com a colaboração do prazer derivado do chiste, ganhar força suficiente para superar a inibição [...] O insulto, portanto ocorre já que o chiste o tornou possível. Mas o prazer obtido não é apenas aquele produzido pelo chiste: é incomparavelmente maior. É tão superior ao prazer originário do chiste que devemos supor que o propósito, até aqui suprimido, tenha conseguido esgueirar-se, talvez sem a mínima diminuição. Em tais circunstâncias é que o chiste é recebido com a melhor gargalhada (FREUD, s/d, p. 68).

O que Freud nomeia *chiste* compreende o que de forma geral chamamos *piada*, fenômeno do dia a dia que pode ser estudado sob diversos aspectos. Se Freud os analisou a partir Psicanálise, no Brasil, Sírio Possenti se dedica ao estudo linguístico de piadas (não se faz aqui diferença entre os termos e os fenômenos a que eles se referem; algumas características dos chistes apontadas por Freud se fazem presentes no que Possenti chama simplesmente de *piadas*, termo já consagrado entre nós). O livro *Os humores da língua* (1998) reúne vários ensaios sobre o tema. As piadas (chistes) são fenômenos dotados de razoável complexidade e concentram aspectos elásticos, relacionados a diversas dimensões da vida, podendo ser objeto de estudo de diferentes perspectivas teóricas, inclusive sob o novo foco da Linguística, ciência que progrediu muito depois de Freud.

Possenti reconhece poderoso elemento das piadas contido na *ambiguidade*, no que concorda com Freud. Mas aponta outras características: o valor pragmático em que se enunciam; a intertextualidade e a interdiscursividade; os mecanismos de leitura presentes no processo de interpretação de piadas; elementos de linguística textual (coerência e seus mecanismos); a ideologia

presente na enunciação delas. Percebe-se que, por esses aspectos, de fato, trata-se de um fenômeno complexo e amplo.

Pode-se assumir que piadas sobre negros são comuns no Brasil; têm forte apoio no senso comum, que se fundamenta nas representações sociais já sedimentadas, nas quais se encontra o repertório privilegiado de elementos culturais que dirigem nossas ações cotidianas, há representação negativa dos negros. Representação é “fenômeno dinâmico, num processo permanente de reorganização, sendo simultaneamente condição e produto social [...] As representações não só enriquecem ideias previamente formadas, mas contribuem para formá-las” (SODRÉ, 2011, p. 78).

As piadas, de fato, constituem-se recurso alternativo para canalizar violência contra os negros, de forma socialmente aceitável, com ganhos psíquicos de prazer. Elas dão continuidade e reforço ao processo histórico de que os negros são vítimas; se a violência física não é mais tolerada (pelo menos no discurso legal), as piadas canalizam a agressividade para o campo da violência simbólica, com diluição e abrandamento de eventual responsabilização jurídica.

O riso é mencionado em outras partes do conto, na versão da mãe; Deus, por exemplo, arrependeu-se de ter criado os pretos, porque os demais homens deles se riam. Há no parágrafo final contraste flagrante entre riso emoldurado pelo conto e o choro da mãe, sentido e dramático, depois que ela beija as mãos do narrador: “Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido”.

Uma versão da Gazeta de Piracicaba, de 1895

Uma versão sobre a origem dos negros, publicada na *Gazeta de Piracicaba*, em 1895, é variante próxima de uma das explicações apresentadas no conto de Honwana. Loiola (2013) estuda a forma com que segmentos protestantes, por ocasião de sua implantação no Brasil, trataram os negros e lidaram com a escravidão e com a pós-abolição, no final do século XIX e começo do

XX. Nessa senda, esse autor se ocupa da imigração metodista na região de Piracicaba. Segundo Loiola, o jornal de Piracicaba se servia de linguagem estereotipada desqualificadora para retratar ciganos, ex-escravos, seus descendentes, e imigrantes pobres em geral. Envolvidos em casos de violência eram tratados pelo jornal com adjetivos pejorativos como *preto*, *turco*, *italiano*, etc. Essas pessoas viviam em situação de penúria social e principalmente os negros tinham dificuldade de emprego.

Nas notícias em que os negros eram associados a casos de violência – fossem eles vítimas ou não – quase sempre se reforçava o estigma da cor da pele, qualificando-os enfaticamente como *pretos*. Também esse termo era muito frequentemente combinado com imundo, ousado, malvado, dentre outros adjetivos depreciativos.

Interessa-nos mais de perto uma versão aparentada ao conto “As mãos dos pretos”. *A Gazeta de Piracicaba* publica o seguinte, em 1895:

A origem dos negros. No Brasil, alguns negros acreditam ter sido esta a sua origem: Quando Deus formou o primeiro homem, Satanás movido de inveja quis também formar um homem de barro. Porém, como tudo que ele toca se faz negro, resolveu Satanás ir lavar o seu homem no Jordão para branquear; mas à sua chegada o rio horrorizado retirou as suas águas e o espírito maligno não teve mais tempo que depor o seu homem sobre a areia ainda molhada e é por isso que as palmas das mãos as únicas partes com que a criatura de Satanás tocou na água, se fizeram brancas. O demônio irritado com isto, deu tão grande punhada no rosto do seu homem, que lhe esborrachou o nariz, d’ahi vem terem os negros o nariz achatado. Agarrou-o depois pelos cabelos para o arrastar após de si; e o calor das suas mãos ardentes encrespou-lhe de tal modo o cabelo, que lhe ficou

encarrapichado (LOIOLA, 2013, p. 84-85)⁷.

Se há pequenas divergências, há também muitas aproximações entre as versões. As divergências devem ser creditadas a adaptações específicas reclamadas por circunstâncias diversas; elas não apagam o parentesco entre as peças nem as motivações desqualificadoras dirigidas contra os negros.

Esse texto piracicabano é carregado de muito mais perversidade, pois afirma que os próprios negros acreditam na versão apresentada; mas não só isso: diz que os negros têm origem satânica, pois tudo o que Satanás toca fica negro. Vemos consumado o odioso processo de demonização do negro, considerado mau, infame, inferior. Satanás, depois de formar homem de barro, querendo branqueá-lo, o mergulhou no rio Jordão que, incontinenti, retirou suas águas; com isso, o homem negro só pôde mergulhar as mãos na areia molhada. A continuação da narrativa indica que o demônio ficou furioso e, por isso, golpeou sua criatura, achatando o nariz e o agarrou pelos cabelos, tornando-os crespos. Essa é uma expansão que amplia ainda mais a perversidade, pois indica que a forma achatada do nariz e o cabelo crespo dos negros são obra do demônio, além da pele escura.

7 Pode-se ver como é antigo o discurso desqualificador do negro, ainda hoje vivo. O jornal de Piracicaba testemunha que os negros sempre estiveram sob cruel discriminação, mesmo depois da Abolição. Nessa cidade foi criada a Sociedade Antonio Bento, que defendeu escravos e participou desde jovem do movimento abolicionista; os membros daquela sociedade eram conhecidos como os caifazes, que promoviam fuga de escravos no período pré-abolição. Antonio Bento fundou o jornal *A redempção*, no qual conclamava o povo a combater a escravidão. Os caifazes coletavam dinheiro para alforrias, perseguiram capitães do mato, sabotavam ação policial, denunciavam abusos cometidos por senhores, protegiam os escravos fugitivos e procuravam manter a população mobilizada; encaminhavam escravos para o Quilombo Jabaquara, perto de Santos, lá reunindo mais de 10 mil escravos fugidos (COSTA, 2010, p. 111-112).

“Porque o negro é preto”, registrado por Câmara Cascudo

Luís da Câmara Cascudo, famoso folclorista brasileiro, compilador de histórias do povo, registra, na obra *Contos populares do Brasil*, o conto intitulado “Porque o negro é preto”, mais uma variante que nos interessa de perto; tendo circulado no Brasil, atesta o documento a amplitude da tradição, cuja representação dos pretos é convergente em todas as formulações literárias alternativas.

Cascudo situa “Por que o negro é preto” na seção referente a contos etiológicos⁸, cuja intenção é explicar as origens de pessoas e de fenômenos da natureza e das sociedades humanas; por isso, tende a retroagir aos começos míticos do mundo e essa volta tem efeito retórico de persuasão da verdade contida nesse material: se a matéria narrada tem estatuto de verdade, é porque se trata de algo muito antigo e porque remonta às origens míticas (divinas) que ordenaram o mundo. Aliás, o próprio Câmara Cascudo, no prefácio de sua obra, aponta estas características do conto popular⁹: 1. Antiguidade; 2. Anonimato; 3. Divulgação; 4. Persistência. Todos esses elementos potencializam os efeitos negativos do conto “Por que o negro é preto”; sendo antigo, tende a se perenizar, daí sua validade e importância, pois se os antigos já acreditavam nisso, é porque é verdade; o anonimato, além de ser característica popular, poupa eventual autor ou autora de ser penalizado como fonte de preconceito, assumido ou presumido.

Ainda no prefácio, Cascudo amplia sua avaliação do conto popular, que “revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social; é um documento vivo, que registra costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos”. Essa avaliação se ajusta perfeitamente aos desdobramentos perversos do conto “Por que o negro é preto” que, como “documento vivo”,

8 Não discutimos aqui o alcance técnico do termo *conto*, quanto às especificidades do gênero literário.

9 O prefácio da obra de Câmara Cascudo está disponível em: <http://luzecalar.blogspot.com.br/2012/08/contos-tradicionais-do-brasil.html>. Acesso em 19 ago. 2015.

denuncia, sim, “mentalidades, decisões e julgamentos”. Nesse sentido, contos populares são, também, receptáculos conservadores – e até garantidores – dos preconceitos sociais.

Cardoso (2013) faz interessantes contrastes entre Câmara Cascudo, Bernardo Honwana e Mário de Andrade, comparando aspectos instigantes entre esses três autores. Para este trabalho, o interesse recai mais nas versões, ainda que variadas, das explicações contidas no conto de Honwana, a partir de perspectiva descolonizadora. No entanto, nos serviremos do trabalho de Cardoso, no que couber, para o atingimento de nosso objetivo.

A pergunta “Por que o negro tem a sola dos pés e a palma das mãos inteiramente brancas?” é a motivação do conto registrado por Câmara Cascudo¹⁰. “Mestre Alípio, vaqueiro conceituado, administrador do Engenho Itaipu” tem a resposta, desde menino: Cristo, quando andou na Paraíba, fazia visitas de inspeção. Uma mulher muito jovem que já possuía 16 filhos ficou muito envergonhada e escondeu alguns num quarto. Quando Jesus perguntou o que havia no cômodo, ela disse que era um depósito de carvão. Depois que Jesus foi embora, a mulher ficou surpresa: os filhos estavam pretos. A explicação dada foi esta: “Por causa de uma mentira se tornara mãe de oito filhos negros”. Pedro, o apóstolo orientou-a a banhar os filhos pretos nas águas de Jordão¹¹. A mulher encontrou o rio “quase seco, com um fiozinho de nada” e as crianças nele mal puderam molhar a sola dos pés e a palma das mãos. Como as crianças beberam um pouco de água para matar a sede; os lábios ficaram arroxeados. Mestre Alípio disse que a água “foi pouquinha, dando

10 A fonte usada para o conto de Cascudo é esta: <http://thalynekeila.blogspot.com.br/2010/05/por-que-o-negro-e-preto.html>. Acesso em 21 set. 2015

11 As águas (do Jordão) aparecem em algumas variantes. Não se pode negar a forte motivação religiosa, sobretudo da simbologia do batismo, que se torna eficaz pelo uso da água, elemento fundamental para religião, associada à purificação, usada em muitos rituais, em diversas religiões. Isso radicaliza os efeitos negativos que provoca o rio Jordão, que se nega purificar os negros; eles são tão malditos que nem dos elementos sagrados da natureza podem se beneficiar.

apenas para clarear, puxando mais para roxo”.

É possível reconhecer algumas semelhanças com as outras versões: a evocação da religião (Jesus e os apóstolos), pelo fato de alguns aspectos míticos serem mencionados, relativos à criação; outro elemento importante é a ideia de que a cor preta é resultado de justa punição por um erro cometido, sendo que no caso foi uma mentira; assim, a cor preta é castigo divino que os pretos bem merecem; por fim, há a ausência de meios para reparo, pois as águas do Jordão se negam a isso: a água foi pouquinha.

O conto afirma, da mãe, que “seu desgosto não podia ser senão enorme” por causa do ocorrido (alguns de seus filhos terem se tornado negros), o que se configura em mais um reforço à ideia de que a cor preta é fonte de desgosto e de tristeza.

Assim, percebe-se na variante a mesma apreciação negativa da pele negra; o negro é visto de forma restritiva e desqualificadora, como resultado de merecido castigo divino, por algo de errado que resultou nessa maldição. O parentesco dessa versão com o conto de Honwana é muito evidente. Um ou outro detalhe secundário pode ser divergente, mas o efeito resulta da mesma intenção.

Câmara Cascudo registra que há mais versões, com circulação em outras culturas e línguas: uma em alemão, outra em inglês, intitulada *Why the negro is black*, cuja tradução é o exato título do conto compilado por Câmara Cascudo, que menciona, ainda, a existência de outra versão brasileira, registrada por Medeiros e Albuquerque, segundo a qual todos os homens, inclusive Adão, eram pretos. Deus, contudo, fez aparecer um lago com águas claras e, quem mergulhasse nessas águas ficaria branco. A continuação já é conhecida: quem primeiro nelas se banhasse ficava branco; a água foi ficando suja e produziu homens nem totalmente pretos nem totalmente brancos; quando só restou um restinho de água, só foi possível molhar as palmas das mãos e as solas dos pés. Essa menção ao conto de Medeiros e Albuquerque é reforço à amplitude de circulação geográfica e cronológica desse material.

Observações em perspectiva descolonizadora

O narrador de Bernardo Honwana, em sua curiosidade, ouviu diversas explicações até conhecer a versão da sua mãe, que está em rota de polêmica com as anteriores. Isso pode ser percebido na perspectiva da colonização/descolonização: a visão dos de fora e a visão dos de dentro. Em outros termos, poderíamos situar nisso o grande desafio a que chegamos a partir da proposta do conto: o que os outros dizem dos pretos (mais precisamente dos pretos africanos) é resultado de construção discursivo-cultural, externa, que tem o efeito de desqualificá-lo, o que, na prática, explica e justifica a violência física e simbólica de que os pretos têm sido vítimas.

Não se pode negar que “muitos africanos compartilham a ideia colonizadora de que branco é bom e preto é mau/demonizado” (Ezeogu, 2012, p. 280). Essa observação pode se combinar bem com as versões apresentadas no conto, para explicar porque as mãos dos pretos são brancas.

Esses princípios podem ser enquadrados na moldura que relaciona linguagem e ideologia, que condiciona vítimas de determinada ordem social a reconhecer a realidade como arranjo justo, a ela se adaptando de forma resignada. Fiorin esclarece que a ideologia é representação da realidade (e não a realidade mesma), formulada pelo grupo social dominante, que procura “justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que mantém com os outros homens”(FIORIN, 2002, p. 28). As variantes que procuram explicar porque a pele dos negros é preta têm apoio ideológico considerável, ao reforçar a inferioridade deles.

Esse condicionamento simbólico está a serviço de interesses econômicos que beneficiam ex-potências coloniais, na atual ordem econômica mundial: “a economia neoliberal conhecida como globalização é a luta de ex-potências coloniais, ao lado de poderes globais novos, para livre acesso a mercados globais e mão-de-obra barata, sem garantia de direitos para todos os países” (DUBE, 2012, p. 4).

Nessa perspectiva, é urgente haver iniciativas conscientes de descolonização, que é, por assim dizer, ênfase da obra de Bernardo Honwana em geral e

do conto “As mãos dos pretos”, em particular. A versão da mãe se apresenta a nós como dramática apresentação da sabedoria africana, a única que pode discorrer sobre si mesma a partir de dentro, com conhecimento de causa, sem a contaminação ideológica de ex-potências coloniais brancas, que veem a África como território de rapina e os negros como seres inferiores.

Os africanos, os de dentro, não precisam da explicação dos de fora, pois, como a própria mãe do narrador diz: “muitos não sabem”. O que muitos não sabem ou não querem saber é que os pretos não são inferiores, mas iguais. Essa é a sabedoria tradicional africana. As diferenças não nos tornam inferiores; elas nos tornam humanos¹².

Algumas considerações

A curiosidade motivou o narrador do conto africano a buscar respostas para suas inquietações. Com exceção de uma, as respostas foram insatisfatórias. As explicações se apoiaram, sobretudo, na religião e na ciência, sendo que algumas delas provocaram o riso. As diversas versões atestam a difusão do conteúdo em diferentes culturas, com ampla distribuição espacial e temporal dessa recorrência depreciativa do negro, o que denuncia a amplitude do preconceito e da violência. Câmara Cascudo atesta a presença de contos similares, com trânsito nas camadas populares e cultas, como testemunha a *Gazeta de Piracicaba*, que veicula preconceito em forma de ataque perverso com apoio religioso com características míticas que se situam no princípio dos tempos, o que projeta ao conjunto persuasivo efeito de verdade.

Foi observado que há duas categorias de explicação em Honwana: as exógenas, que pintam o preto como impuro, animalizado, inferior, escravizado;

12 A mãe tem dimensão pedagógica, no conto; é a doadora de conhecimento, a detentora de sabedoria; além disso, como mãe, é depositária de inegável dimensão afetiva, que dirige o processo de conhecimento de mundo. Ocorre a convergência de dois elementos que dinamizam o processo educacional: vínculos afetivos e conhecimento

a endógena, assumida pela mãe, no conto moçambicano, pela qual pretos e brancos são iguais, irmanados pela cor das mãos.

Se a história é obra de mãos humanas, fica evidente o equívoco da petição de princípio que perpetua a violência contra negros; a explicação não deveria se reportar às diferenças que organizam o nosso mundo. Deveria, ao contrário, se perguntar: por que o mundo não poderia ser diferente do que é, já que são as mãos humanas que o fazem?

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2001.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix/ Universidade de São Paulo, 1983.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1993.

CARDOSO, Laís de Almeida. Literatura, Sociedade e Identidade Cultural: um diálogo entre “As mãos dos pretos”, de Luis Bernardo Honwana, “Por que o negro é preto”, de Câmara Cascudo, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade. In: Revista Crioula, n. 13 (2013). São Paulo, USP, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/64227/66916>. Acesso em 11 ago. 2015.

COSTA, Emília Viottida. *A abolição*. 9ª. Ed. São Paulo: / Unesp, 2010.

DUBE, Musa W. The Scramble for Africa as the Biblical Scramble for Africa: Postcolonial Perspectives. In DUBE, Musa W. et al. (edit.). In: *Postcolonial Perspectives in African Biblical Interpretations*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.

EZEOGU, Ernest M. The African origin of Jesus: An Afrocentric Reading of Mathew's Infancy Narrative (Matthew 1-2). In: *Postcolonial Perspectives in African Biblical Interpretations*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2002.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago [edição eletrônica], s/d.

LOIOLA, José Roberto Alves. *Protestantismo, escravidão e os negros no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalque*. Salvador; Rio de Janeiro: Edufba; Pallas, 2011.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PROENÇA, Paulo Sérgio de. *Piadas contra negros: violência em forma de humor*. *Anais do SIALA*. Volume 5, Número 5. Salvador: UNEB, 2014. Disponível em: www.siala.uneb.br/pdfs/VSIALA/paulo_sergio_de_proenca.pdf. Acesso em 13 ago. 2015.

SODRÉ, Jaime. *Da diabolização à divinização: a criação do senso comum*. Salvador: Edufba, 2011.